

É BRINCANDO QUE SE APRENDE OU SE FORMA? UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NUMA ESCOLA PÚBLICA SERGIPANA

Mônica Andrade Modesto¹

Maria Inêz Oliveira Araujo²

Resumo

O ensino é uma prática educativa e como tal deve ser capaz de transformar a realidade do aluno. Este aluno, por sua vez, precisa encontrar um significado no ensino para que tenha estímulo em aprender significativamente. O presente artigo apresenta os resultados de uma experiência de prática de ensino que buscou verificar como as atividades lúdicas, fundamentadas na aliança entre teoria e prática, possibilitam às crianças a compreensão da importância dos cuidados com a saúde. Dessa forma, os envolvidos puderam construir um valor acerca da saúde, a fim de que pudessem perceber que esta faz parte da qualidade de vida e deste modo, trabalhar-se-ia a Educação Ambiental. Destarte, busca-se demonstrar que a aprendizagem significativa é possível de acontecer quando se cria possibilidades para a construção do conhecimento.

Palavras-chave: Ludicidade, Qualidade de Vida, Educação Ambiental, Prática de Ensino, Aprendizagem Significativa.

É sabido que toda criança gosta de brincar e que o “seu mundo” é mediatizado pela brincadeira, pela ludicidade. São os momentos de brincadeira que lhe proporciona a aquisição do conhecimento e o desenvolvimento de valores e comportamento. Contudo, a brincadeira, por diversas vezes, é enxergada de maneira equivocada e confundida como meros passatempos ou distrações, mas ela vai muito além do entretenimento, quando utilizada da maneira correta, a brincadeira pode se tornar uma grande aliada no processo de ensino-aprendizagem, como demonstra Oliveira quando afirma que

Uma criança não precisa de motivos ou razões para brincar. Ela tem uma motivação interna que a impulsiona para a brincadeira. É o brincar pelo brincar, sem necessidade da existência de um objetivo final a ser alcançado. Enquanto para a criança, a brincadeira tem fim em si, para o adulto a brincadeira pode ser vista como uma possibilidade para a promoção do desenvolvimento, da saúde e da aprendizagem. Por meio da brincadeira, as crianças podem exprimir sentimentos, dominar angústias, aumentar experiências sociais e emocionais, treinar para situações imediatas e futuras, estabelecer

¹Pedagoga, aluna especial do Programa de Pós-graduação em Educação da UFS, pós-graduanda em Didática e Metodologia do Ensino Superior pela FSLF, membro do GEPEASE. monicamodesto1@gmail.com

² Concluiu o pós-doutorado em Educação na Universidade do Porto, professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe. inezaraujo58@hotmail.com

contatos e estimular os aspectos do desenvolvimento, da saúde e da aprendizagem (OLIVEIRA, 2008, p.193).

O ensino mediado pela brincadeira permite que o/a professor/a articule os conteúdos de forma interdisciplinar, isso porque, utilizando uma atividade lúdica o/a educador/a pode trabalhar diversos conteúdos de diferentes disciplinas. Assim, um processo de aprendizagem que tem sua base na interdisciplinaridade, ultrapassa os resultados do ensino tradicional, aquele que tem suas bases na transmissão de conteúdo, deixando o aluno passivo na aquisição do conhecimento.

A interdisciplinaridade permite que o aluno se envolva na produção do conhecimento, portanto, é imprescindível para o bom aproveitamento do ensino, visto que consiste na superação da fragmentação e da compartimentalização de conhecimentos. Carvalho (1998) confirma essa concepção ao afirmar que o trabalho interdisciplinar “pretende superar uma visão especializada e fragmentada do conhecimento em direção à compreensão da complexidade e da interdependência dos fenômenos da natureza e da vida” (p. 09).

Corroborando com a percepção de Carvalho, Mattos (2006) afirma que é a partir do caráter interdisciplinar contextualizado da educação que se pode articular a EA para que essa possa difundir a abertura de um caminho para a desenvolvimento sustentado associado à realidade do Brasil, sem ser preciso importar modelos de outros países.

Observa-se assim que o processo de aprendizagem não se resume apenas ao ensino dos conteúdos curriculares, mas estende-se também ao processo de construção de valores que irão nortear as escolhas, as decisões e as atitudes do aluno durante o seu processo de formação de sujeito.

Desse modo, concebe-se que o ensino deve estar ancorado na formação de valores, pois estes se traduzem no significado do aprendizado, e se não há significado é porque não houve um aprendizado efetivo, capaz de transformar as ações do indivíduo, houve apenas uma transferência de conteúdo. Freire (1996) já indicava essa problemática quando explanou sua concepção de ensino onde ensinar não é simplesmente transferir conteúdos, mas criar possibilidades para que o aluno possa construir seu conhecimento.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais é importante que a criança tenha oportunidade de “(...) conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e

agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva” (PCN, 1997, p.07).

É importante ressaltar que os PCN trazem atreladas às suas propostas, discussões sobre meio ambiente e saúde, uma vez que Educação Ambiental não se resume apenas nos conteúdos relacionados à ecologia, ela perpassa caminhos essenciais para o bem estar individual e coletivo da sociedade. Reigota define esta educação como uma “(...) educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara cidadãos para exigir justiça social, cidadania nacional e planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza” (2006, p. 10). Como resultado desta prática se terá a garantia ao ser humano da qualidade de vida e a construção do valor da saúde é um aspecto desta qualidade.

Guimarães (1995) aponta que a educação ambiental vem sendo chamada a dar conta da mudança de valores e atitudes da humanidade, tal mudança vislumbra a construção de valores no indivíduo. É embasado em valores como solidariedade, humanização, sensibilização, corresponsabilidade que o homem poderá então criar medidas que visem o bem estar coletivo e promovam um equilíbrio para com o ambiente, gerando qualidade de vida.

Fala-se em construção do valor da saúde porque na perspectiva freireana é assim que a educação precisa ser, pautada na construção de valores. Uma educação que prima por este objetivo alcança resultados significativos, pois permite ao educando que estabeleça reflexões críticas acerca do meio em que vive. Conforme o método Paulo Freire (2005) para que haja uma educação transformadora é necessário que o professor conheça e trabalhe a realidade do aluno de forma interdisciplinar a fim de que o aprendiz – forma como Freire se refere ao aluno – seja capaz de encontrar significado no que está sendo ensinado e a partir de então construa seu conhecimento, fundamentado em valores construídos por ele mesmo. Assim justifica-se o fato da defesa em se trabalhar a construção de valores neste artigo, fruto de ações educativas desenvolvidas durante a disciplina de estágio supervisionado, a qual compreende um período de regência escolar com alunos das primeiras séries do ensino fundamental.

Partindo da indagação sobre a possibilidade de construir valores relacionados à educação ambiental por intermédio da ludicidade é que se definiu o objeto de estudo do projeto elaborado: a brincadeira como um agente cooperador para a melhoria da qualidade de vida das crianças envolvidas na prática de ensino.

Dessa forma, o presente trabalho buscou verificar se é possível lançar mão da brincadeira para o desenvolvimento de atividades de educação ambiental e como elas se constituem numa ferramenta³ motivadora para a construção de valores e aquisição de conhecimento.

Para o alcance desses objetivos foi desenvolvido um projeto de ensino, com alunos do quarto ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Dr. Martinho de Oliveira Bravo que ansiou colaborar para a reflexão a respeito da saúde da criança e do modo como esta é tratada pela esfera da escola pública e possibilitar, de modo efetivo, uma melhoria significativa na promoção da saúde permitindo que as crianças envolvidas neste projeto tivessem uma melhor qualidade de vida.

Procedimentos Metodológicos

Os procedimentos metodológicos adotados, como a aplicação de um projeto, caracterizam essa pesquisa como de abordagem qualitativa, com caráter empírico, do tipo pesquisa-ação, visto que, ao final, houve uma intervenção na prática cotidiana dos envolvidos no projeto, pressuposto principal deste último tipo de pesquisa, conforme pode ser verificado na afirmação de Thiollent, na qual

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2005, p.16).

A experiência da prática de ensino aconteceu durante dez aulas. Como aportes metodológicos para o alcance deste objetivo utilizou-se aulas expositivas e algumas atividades lúdicas como brincadeiras e jogos. As primeiras aulas partiram do tema a brincadeira na promoção da saúde. Os recursos utilizados foram bastante simplórios, fez-se uso apenas de quadro negro, giz, embalagens e rótulos de produtos, figuras, brincadeiras, livro didático, textos paradidáticos e um cartaz com figuras dos hábitos de higiene que promovem a saúde (figura 01).

³ A brincadeira se constitui como ferramenta porque nesse trabalho seu objetivo final foi promover a formação dos alunos e não somente executá-la aleatoriamente.

Junto a escrita e a leitura foi desenvolvida ainda a atividade de contação de histórias priorizando o acesso à literatura infantil. A literatura infantil tem suma importância na vida de uma criança. Ela é capaz de despertar no aluno o gosto e a valorização da leitura, o senso crítico, o auxílio na escrita e na linguagem.

Como metodologia escolheu-se o método que instiga a pesquisa porque acreditou-se que através desta o aluno tem a oportunidade de buscar as informações que ele quer aprender. E quando se trata de crianças a pesquisa tem um significado ainda maior que é o de desvendar os mistérios da curiosidade. Martins *apud* Mattos; Castanha aponta que

A criança tem paixão inata pela descoberta e por isso convém não lhe dar a resposta ao que não sabe, nem a solução pronta a seus problemas; é fundamental alimentar-lhe a curiosidade, motivá-la a descobrir as saídas, orientá-la na investigação até conseguir o que deseja (MATTOS; CASTANHA, 2008, p. 05).

Foi construído um jogo de tabuleiro intitulado "corrida saudável" (figura 02). O jogo trazia algumas questões de língua portuguesa, matemática e referentes ao tema higiene e saúde e era marcado pela presença de regras.



Figura 02: Jogo de tabuleiro "corrida saudável". Fonte: Trabalho de campo.

Os jogos de regras permitem que as crianças interajam em situações igualitárias, de caráter discursivo, em que necessitam cooperarem entre si para alcançarem um objetivo. Caiado; Rossetti (2009) apontam que

Jogando, a criança encontra a possibilidade de interagir com seus iguais e debater opiniões, o que favorecerá o exercício da reciprocidade tão peculiar ao ato de cooperar. [...] O jogo de regras representa a exigência de reciprocidade social na medida em que instaura a regra como produto de uma regularidade imposta pelo grupo. Encontra-se nela um sentido de obrigatoriedade que denota a existência de relações sociais. Desse modo, o jogo de regras constitui a atividade lúdica do ser socializado, o que explicaria seu desenvolvimento tardio e a permanência de sua prática após a infância. A capacidade de cooperar, por sua vez, conduzirá a criança a novas interpretações do mundo e das coisas, produzindo mudanças significativas em seu pensamento. [...] É também, com base na cooperação, que as crianças passarão a defender a igualdade em face da autoridade. No campo cognitivo, será esta a responsável por modificar as atitudes egocêntricas iniciais, permitindo a inserção da criança num sistema de reciprocidade lógica e interpessoal, isto é, de cooperação (CAIADO; ROSSETTI, 2009, p. 01).

Com base na citação acima é possível perceber a importância que o jogo tem na vida da criança, pois ele é aporte metodológico que instiga o aluno, desperta o desejo de aprendizagem de uma forma que é prazerosa e tem como consequências, aprendizagens que vão além da sala de aula. Através de brincadeiras e jogos o aluno compreende que é preciso abrir não de alguns anseios em prol da conquista do grupo, compreende que todos são iguais e compreende que a cooperação é necessária para a conquista de um objetivo. O jogo proporciona ainda o aprendizado da importância do trabalho de equipe.

Discussão dos Resultados

Numa análise mais profunda sobre os escritos das crianças pode-se observar que estes se encontram em três níveis: silábico, silábico-alfabético e alfabético. O nível silábico, conforme demonstram Ferreiro; Teberosky (1999), compreende uma fase onde a escrita é pautada pela sonoridade. A criança tenta corresponder fonemas à grafemas. Um grafema corresponde ao som da fala a cada letra escrita. Neste nível, observa-se que a utilização dos símbolos gráficos (letras) é aleatória e nem sempre a representação dos fonemas corresponde à escrita convencional. Neste primeiro dia os alunos que ainda

estavam neste nível de aquisição da escrita não se dispuseram a escrever e apenas desenharam (figura 03).

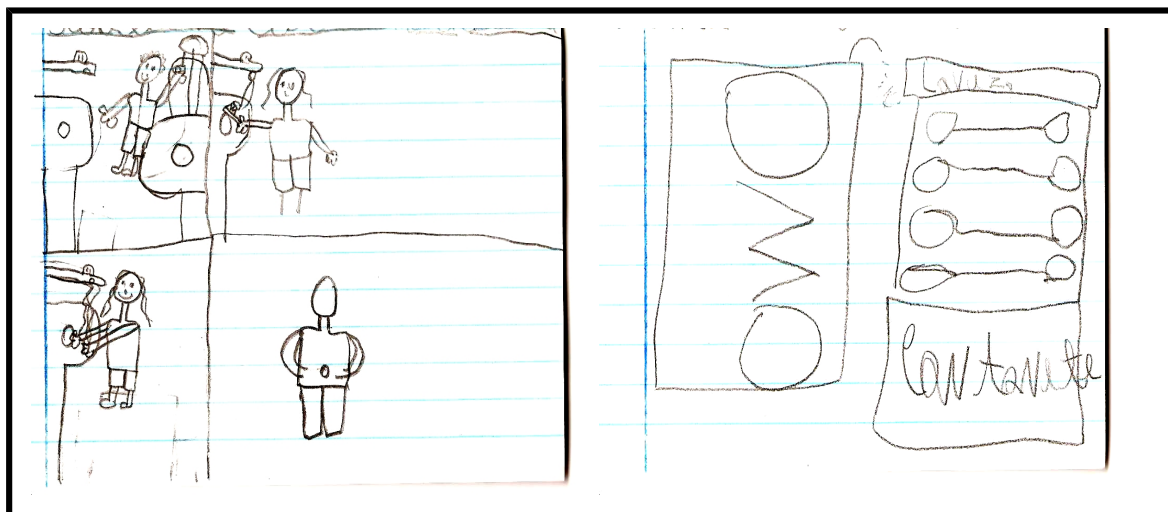


Figura 03: Desenhos feitos pelos alunos. Fonte: Trabalho de campo.

O nível silábico-alfabético, de acordo com as mesmas autoras, compreende uma fase intermediária onde há uma correspondência entre a fase silábica e a fase alfabética. A escolha das letras que o aluno faz pode seguir um critério fonético ou ortográfico. Este fato faz com que a escrita apresente algumas sílabas com características do nível silábico e outras, do nível alfabético, ocasionando uma escrita mista (figura 04). A figura mostra que a criança consegue identificar a separação das palavras, porém ainda as escreve conforme o modo que fala.

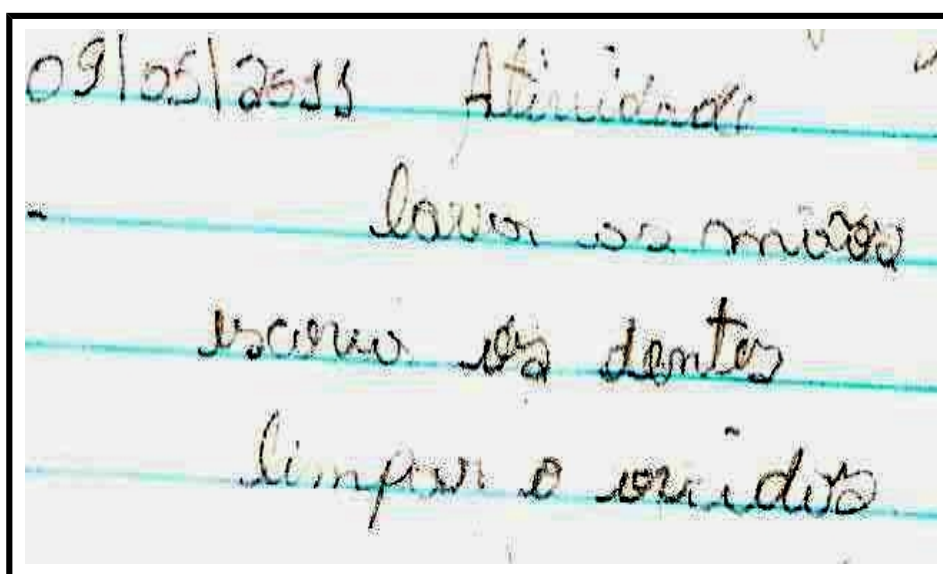


Figura 04: Texto produzido por uma criança em nível silábico-alfabético. Fonte: Trabalho de campo.

O nível alfabético compreende uma fase onde a criança compreende e opera com o sistema de escrita, entendendo que a sílaba pode ser desmembrada em letras e que é necessária a análise fonética das palavras para escrevê-las. No entanto, escreve sem demonstrar o uso correto da grafia (figura 05). É possível identificar este nível na figura, onde a criança demonstra que sabe separar as palavras, porém ainda faz uso da fonética para escrever, o que ocasiona a falha gramatical.

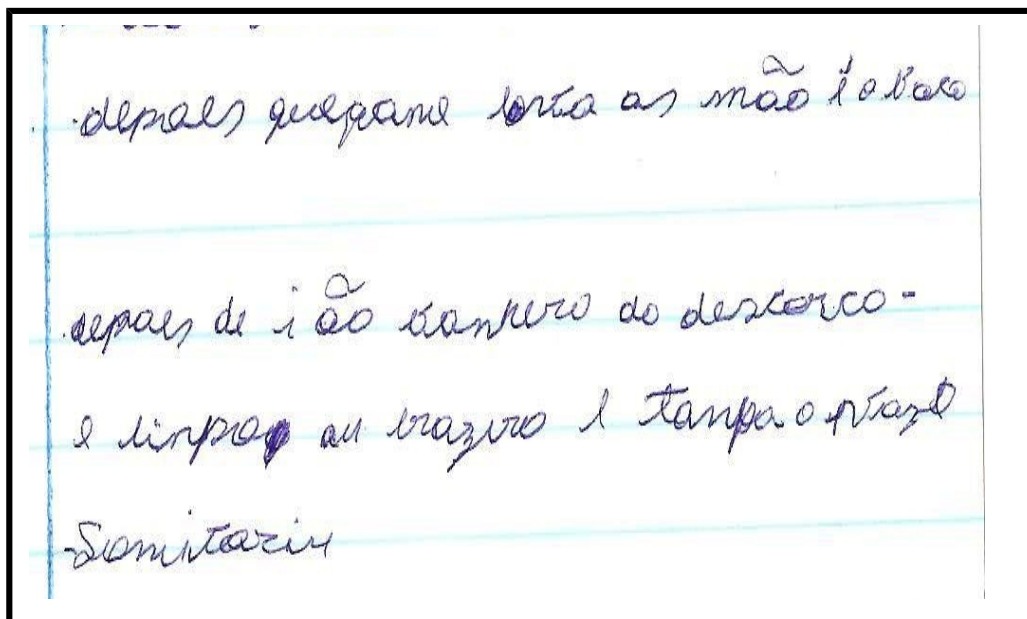


Figura 05: Texto produzido por uma criança em nível alfabético. Fonte: Trabalho de campo.

Observou-se ainda que assim como a escrita a leitura também se encontrava no estágio alfabético onde as crianças recorrem à silabação das palavras para compreender o seu sentido. Nesta fase é muito comum a presença de erros em palavras que apresentam complexidades em sua escrita. Capovilla demonstra como a leitura acontece no nível silábico quando diz que

No estágio alfabético, as relações entre o texto e a fala se fortalecem. Desenvolve-se a estratégia fonológica, sendo que a escrita passa a ficar sob controle dos sons da fala e, na leitura, a seleção e o seqüenciamento de sílabas e fonemas passam a ficar sob controle dos grafemas do texto. A criança aprende o princípio da decodificação na leitura (isto é, a converter as letras do texto escrito em seus sons correspondentes) e o da codificação na escrita (isto é, a converter os sons da fala ouvidos ou apenas evocados em seus grafemas correspondentes). A leitura por decodificação grafo-fonêmica, bem como a escrita correspondente por codificação fonografêmica, no início, são muito lentas e podem apresentar erros em palavras com irregularidade nas relações entre as letras e os sons (como, por exemplo, BOXE) (CAPOVILLA, 2004, p. 191).

Após a análise dos escritos e das falas das crianças é possível observar que no início as crianças identificavam meio ambiente como sendo apenas o espaço físico e saúde como o estado de saúde em que se encontravam. No primeiro dia eles entendiam como hábitos de higiene apenas as obrigações diárias sem relacioná-las com a saúde. Já nos escritos deste dia pude notar que há relação entre a higiene e a saúde e também entre a qualidade do ambiente (figuras 06, 07, 08 e 09).

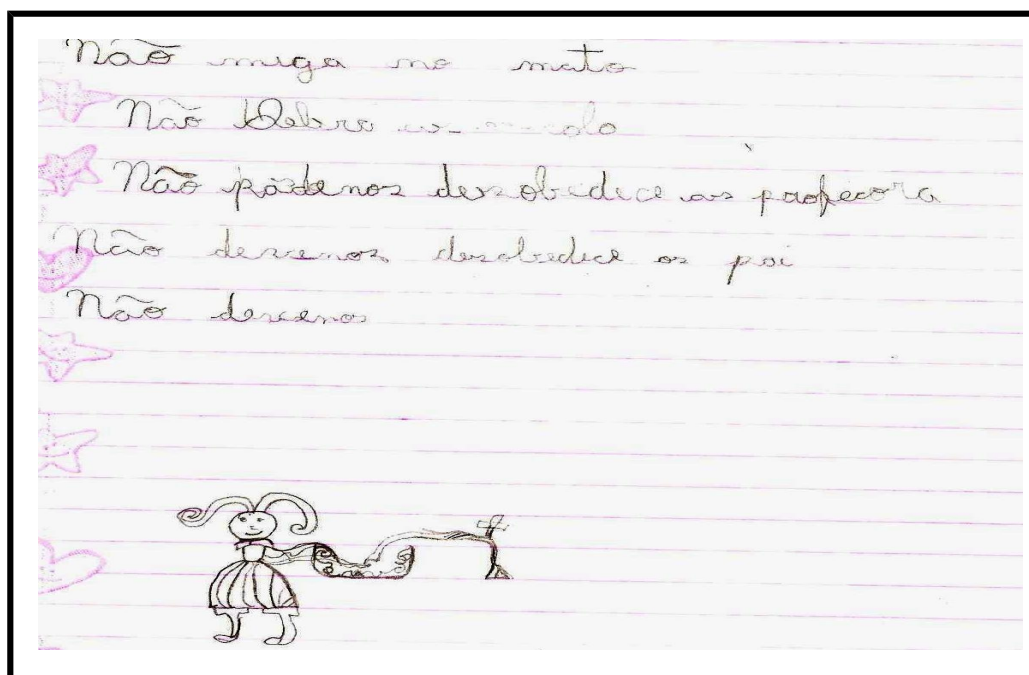


Figura 06: Texto de uma criança sobre higiene e saúde. Fonte: Trabalho de campo.

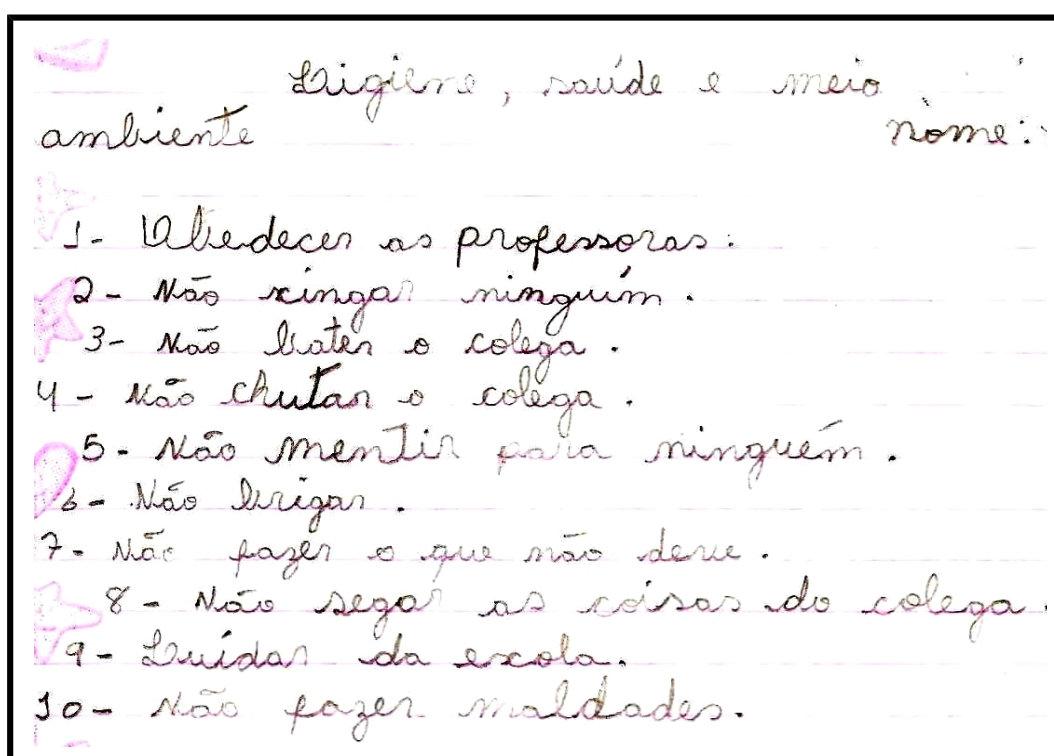


Figura 07: Texto de uma criança sobre higiene e saúde. Fonte: Trabalho de campo.

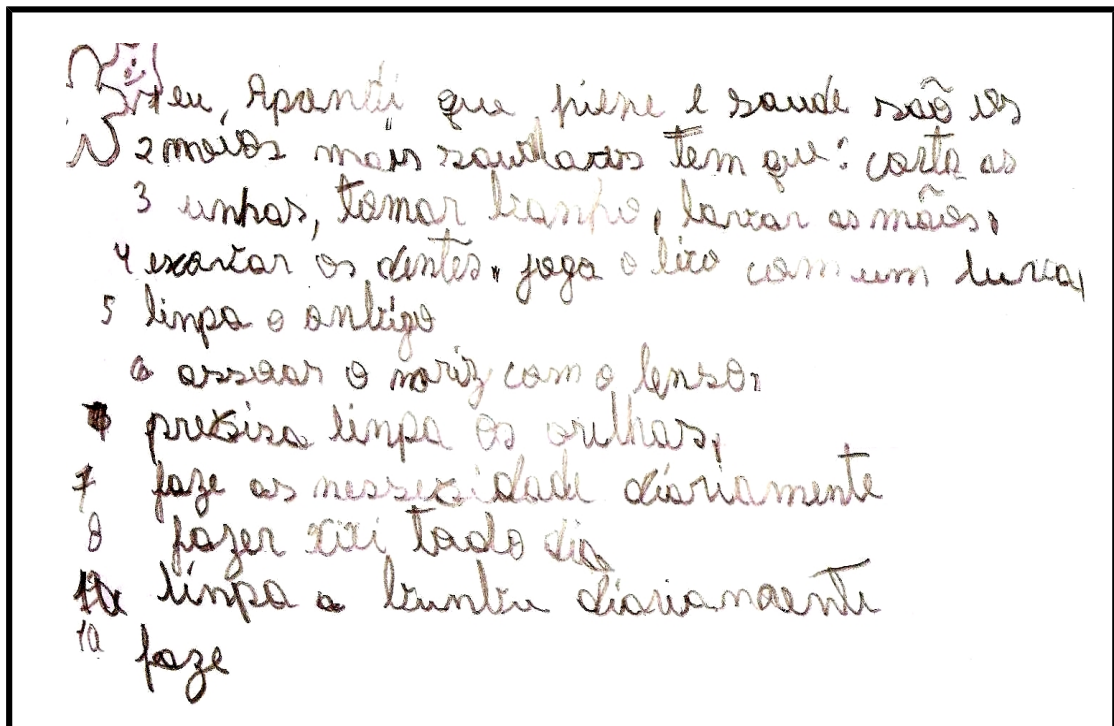


Figura 08: Texto de uma criança sobre higiene e saúde. Fonte: Trabalho de campo.

Eles não escreveram explicitamente a questão da qualidade mas como citaram atitudes que devem ser feitas para manter a qualidade do ambiente, avalio que eles já haviam começado a criar um valor sobre qualidade e saúde. Em relação à produção do texto, pode-se observar que as crianças ainda estão em busca da coesão textual e por isso sentem dificuldades em organizar o pensamento para pô-lo no papel. Esse é um processo comum na aquisição da escrita.

Considerações Finais

A partir das avaliações pode-se observar que o objetivo do projeto foi atingido em parte, uma vez que nem todos os alunos conseguiram construir um valor sobre saúde e qualidade de vida. Uma boa parte da turma conseguiu relacionar a higiene com a saúde, este é um ponto favorável, mas ainda tiveram dificuldade em relacionar a saúde com a qualidade do ambiente que gera qualidade de vida.

É possível afirmar que houve um resultado significativo, uma vez que alguns alunos passaram a relacionar a higiene à saúde. Quanto à qualidade de vida não posso afirmar que as crianças incorporaram este conceito aos seus conhecimentos, pois não demonstraram essa relação nas atividades.

É possível afirmar também que um valor foi criado pelos alunos, o valor da saúde. Em suas práticas pude notar que eles se mostravam preocupados em manter hábitos de higiene porque não queriam ficar doentes. Verificou-se que as crianças passaram a lavar as mãos com mais frequência que no início do estágio. Começaram a ir com roupas mais limpas, mostravam que haviam cortado as unhas e limpado os ouvidos, passaram a zelar mais pelo material escolar, etc. Essas mudanças atitudinais dos alunos foram responsáveis pelo sucesso deste estágio, em que pese todos os objetivos não tenham sido atingidos por completo.

Por fim, pode-se afirmar ainda que por meio da brincadeira é possível formar as crianças e promover um processo de ensino-aprendizagem mediado pela construção de valores, uma vez que, foi verificado, apesar do curto espaço de tempo de aplicação do projeto, que as crianças refletiram sobre o que aprenderam e transformaram suas práticas a partir do que foi aprendido.

Referências Bibliográficas

AUZUBEL, D. N.; HANESIAN, H. **Psicologia educacional**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: ensino de ciências. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental MEC, 1997.

CAIADO, A. P. S.; ROSSETTI, C. B. Jogos de regras e relações cooperativas na escola: uma análise psicogenética. In: **Psicologia Escolar e Educacional** (Impr.) vol.13 no.1 Campinas Jan./June 2009. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=S141385572009000100010&lang=pt> acesso em 24/06/2011.

CAPOVILLA, A. G. S. [ET AL]. Estratégias de leitura e desempenho em escrita no início da alfabetização. In: **Psicologia Escolar e Educacional**, 2004 Volume 8 Número 2 189-197. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/pee/v8n2/v8n2a07.pdf>> acesso em 23/06/2011.

CARVALHO, I. C. M. **Em direção ao mundo da vida: interdisciplinaridade e educação ambiental / Conceitos para se fazer educação ambiental.** Brasília: IPÊ - Instituto de Pesquisas Ecológicas, 1998.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita.** Tradução de Diana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na educação.** Campinas: Papirus, 1995.

LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem... mais uma vez. In: **Revista ABC EDUCATIO** nº 46, junho de 2005, páginas 28 e 29. Disponível em <http://www.luckesi.com.br/textos/abc_educatio/abceducatio_46_avaliacao_da_aprendizagem_mais_uma_vez.pdf> acesso em 23/06/2011.

MATTOS, E. M. A.; CASTANHA, A. P. **A importância da pesquisa escolar para a construção do conhecimento do aluno no ensino fundamental.** Paraná: Secretaria de Educação do Estado, 2008. Disponível em <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2525-6.pdf>> acesso em 24/05/2011.

MATTOS, S. **A educação na escola: teoria x prática sob o ponto de vista interdisciplinar.** Publicado em 2006. Disponível em <www.amigosdanatureza.org.br> acessado em 25/02/2010.

OLIVEIRA, L. D. B. [ET AL] “Brincar” como agente promotor de saúde no desenvolvimento infantil. In: **Revista de Ciências Humanas. Florianópolis**, EDUFCS, v. 42, n. 1 e 2, p. 193-215, Abril e Outubro de 2008. Disponível em <www.cfh.ufsc.br/~revista/rch42_artigo_8.pdf>. Acesso em 13/04/11

REIGOTA, M. **O que é Educação Ambiental.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação.** São Paulo: Cortez, 2005.